

EDUCAÇÃO E DOMESTICAÇÃO: UMA LEITURA SLOTERDIJKIANA DE NIETZSCHE*

[Education and domestication: a sloterdijkian reading of Nietzsche]

José Antônio Feitosa Apolinário¹

Resumo: Pretendemos analisar a pertinência da interpretação de Peter Sloterdijk acerca de uma passagem de *Assim falou Zaratustra* (parte III – da virtude que apequena), na qual seria enunciada a tese do humano como criador de seres humanos mediante processos de domesticação, tornando visíveis remotas dinâmicas domesticadoras nos bastidores do engendramento civilizacional. Discutimos, introdutoriamente, até que ponto as reflexões de Nietzsche ofertam um suporte à noção sloterdijkiana de antropotécnica, dentro do quadro crítico que toma como alvo o humanismo na condição de pressuposto fundante, e a educação escolar como principal instituição viabilizadora.

Palavras-Chave: Domesticação; Educação; Civilização; Humanismo; Antropotécnica

Abstract: We aim to analyze the relevance of the interpretation of Peter Sloterdijk about an excerpt from *Thus Spoke Zarathustra* (Part III - the virtue that decreases), which would set forth the thesis of the human as the creator of humans through domestication processes, making visible old dynamics of domestication in the backstage of engendering of civilization. Discussed, introductorily, to what extent the Nietzsche's reflections will give a support to the notion of sloterdijkian antropotechnics within the critical situation that takes as target humanism as foundational assumption, and education as the main institution of viability.

Keywords: Domestication; Education; Civilization; Humanism; Antropotechnics

118

O presente trabalho tenciona examinar o sentido da interpretação arvorada pelo filósofo alemão Peter Sloterdijk sobre uma passagem de *Assim falou Zaratustra* (parte III – da virtude que apequena) de Friedrich Nietzsche, a partir da qual seria enunciada a tese do humano como criador de seres humanos mediante processos de domesticação, trazendo à tona remotas dinâmicas domesticadoras nos bastidores da construção da civilização ocidental. Nossa análise discute introdutoriamente em que medida as reflexões de Nietzsche ofertam um suporte à noção sloterdijkiana de antropotécnica, dentro do quadro crítico que adota como alvo o humanismo pensado enquanto pressuposto fundante, e a educação escolar como principal instituição viabilizadora. Optamos por deslindá-la em três momentos distintos: no primeiro, aduziremos a hipótese interpretativa de Sloterdijk sobre o raciocínio de Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* (Da virtude que apequena); no segundo, buscaremos apoio à

¹ Doutor em Filosofia (UFPB/UFPE/UFRN). Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UASt).

confirmação dessa hipótese no cerne da filosofia nietzschiana (mormente nos escritos da última fase), para, na derradeira etapa, ensaiar uma reflexão preliminar sobre o espírito do recurso sloterdijkiano a Nietzsche, no plano mais amplo daquilo que intenta desenvolver na obra *Regras para o Parque Humano*.

Neste polêmico livro, Peter Sloterdijk apresenta uma resposta à obra *Carta Sobre o Humanismo* de Martin Heidegger, adentrando no rol de autores do final do século XX e início do XXI que sinalizam a urgência em problematizar o humanismo, levando em conta dimensões historicamente excluídas na compreensão do existente humano². Nele o autor destila uma compreensão da natureza e função do humanismo: promover por intermédio da escrita uma comunicação à distância geradora de amizade, cujo empenho residiria em livrar o ser humano da barbárie, com base na convicção de que seres humanos são animais influenciáveis. Dessa perspectiva, considera que “o tema latente do humanismo é, portanto, o desembrutecimento do ser humano, e sua tese latente é: as boas leituras conduzem à domesticação”³.

Questionando então o alcance da crítica heideggeriana ao humanismo, reputando a onto-antropologia de Heidegger numa radical continuidade com o propósito humanista (a instauração da amizade do humano pela palavra do outro radicalizar-se-ia no homem enquanto ‘pastor do ser’, a quem é atribuída a guarda da linguagem como ‘casa do ser’), Sloterdijk traz à tona o tema da domesticação de seres humanos, ecoando a interpretação heideggeriana da cumplicidade entre humanismo e bestialismo nas formas de poder instituídas pelos totalitarismos do século XX, nos quais processos de amansamento e desinibição destrutiva sintetizaram-se, compondo um quadro desde o qual fez-se necessário indagar sobre os fundamentos da formação-educação do homem ocidental, concebidos como fundamentos da domesticação de humanos.

Sloterdijk recorre então a uma antropogênese cujo núcleo é a ideia de que o humano em sua indeterminabilidade falha como animal e por isso *vem ao mundo* (num sentido ontológico), tornando-se gregário pela entrada concomitante em casas da linguagem e em habitações. Usando o jargão heideggeriano da clareira (*Lichtung*), o autor indica um processo

² O corpo, a vida, a animalidade. Além de Peter Sloterdijk (também em *Has de cambiar tu vida. Sobre Antropotécnica*), Michel Foucault (*Vigiar e Punir, O Nascimento da Biopolítica*), Giorgio Agamben (*Lo Abierto. El Hombre y el Animal*), Roberto Esposito (*Bíos. Biopolítica e filosofía*), Fabián Ludueña Romandini (*A Comunidade dos Espectros I. Antropotecnia*), Vanessa Lemm (*La Filosofía Animal de Nietzsche*), entre outros.

³ SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 17.

sócio-histórico de domesticações que conduziu o humano até ela. Noutros termos: a vida doméstica dá origem à clareira, que é, em última instância, palco de combate, decisão e seleção: “lá onde há casas, deve-se decidir no que se tornarão os homens que as habitam”⁴.

É nesse instante da argumentação que Sloterdijk remete às insinuações enunciadas por Nietzsche na terceira parte de *Zaratustra*, no item “Da virtude que apequena”, mencionando excertos, dos quais reproduziremos aqui algumas partes:

Pois ele [Zaratustra] queria saber o que havia sucedido *com o ser humano* naquele meio-tempo: se este se tornara maior ou menor. E certa vez enxergou uma fileira de casas novas; admirou-se e disse: que significam essas casas? Em verdade nenhuma grande alma as pôs ali como símbolos de si própria! [...] E esses aposentos e câmaras, podem homens entrar e sair deles? [...] E Zaratustra permaneceu parado e refletiu. Por fim disse, com tristeza: *Tudo ficou menor!* Em toda parte vejo portões mais baixos; quem é de minha espécie ainda passa por eles, mas – tem de se abaixar! [...] Ando em meio a esse povo e mantenho os olhos abertos: eles se tornaram menores e se tornam cada vez menores: *mas isso se deve à sua doutrina da felicidade e da virtude* [...] Para eles, a virtude é o que torna modesto e manso: com ela transformaram o lobo em cão, e o protótipo homem, no melhor animal doméstico do homem⁵.

Nessa passagem residiria, para Sloterdijk, “um discurso teórico sobre o ser humano como força domesticadora e criadora”⁶, configurado no exitoso labor de criadores que transformaram bestas humanas no *último homem* anunciado por Nietzsche-Zaratustra. Tal discurso demoliria o horizonte humanista uma vez que esse trabalho não dependeu somente do adestramento e da educação humanista. Assim, por trás do horizonte da domesticação escolar dos homens, um segundo horizonte, mais sombrio, viria à tona com Nietzsche: o espaço de irrefreáveis lutas sobre o domínio e o direcionamento da criação de seres humanos.

O que está em jogo, na visão sloterdijkiana, é que a experiência narrada por Zaratustra é a de uma política de criação desde a qual humanos articularam ética e genética de modo astuto para se criarem a si próprios como seres *menores*, mediante dinâmicas de adestramento e seleção cujo alvo foi a produção de animais humanos inócuos, sinônimos de sociabilidade e civilidade. Destarte, o repúdio nietzschiano à cultura humanista consiste não só na denúncia dessa pseudo-inocuidade que demarca o projeto civilizatório moderno e sua função oculta, mas também na confirmação de que ela se tornou viável pelas mãos dos detentores do monopólio de criação: os padres e professores. O humanismo como pedagogia civilizadora

⁴ SLOTERDIJK, Peter. Op. cit. p. 37.

⁵ Za/ZA III, *Da virtude que apequena* (Trad. Paulo César de Sousa). p. 159-162.

⁶ SLOTERDIJK, Peter. Ibidem. p. 39.

seria então a ponta de um iceberg de longínquos processos antropogenéticos. Como pensa Sloterdijk,

ele [Nietzsche] toma como medida os remotos processos milenários pelos quais, graças a um íntimo entrelaçamento de criação, domesticação e educação, a *produção de seres humanos* foi até agora empreendida – um empreendimento, é verdade, que soube manter-se em grande parte invisível e que, sob a máscara da escola, visava ao projeto de domesticação⁷.

Se Sloterdijk reconhece em Nietzsche a primazia de ter levantado o problema do que virá-a-ser o humano no povir, cuja força já se faz sentir na contemporaneidade quicá de modo ainda inicial, nos debates sobre biopolítica, zoopolítica, pós-humanidade, transumanidade, entre outros, é porque as advertências do filósofo de Dionísio ensejam o tornar-se cômico da existência de *antropotécnicas* enquanto processos de produção de seres humanos. Diante disso, perguntamos: a passagem de *Zarathustra* antes citada dá sustentação à interpretação sloterdijkiana de Nietzsche ora discutida? É-nos permitido pensar a relação entre educação e domesticação em Nietzsche como meios de criação de seres humanos? Por esse viés, Nietzsche forneceria então um suporte à compreensão sloterdijkiana de antropotécnica?

De início, não podemos deixar de frisar a interpretação de acordo com a qual é no âmbito do principal *leitmotiv* da filosofia nietzschiana que se move o seu ‘evangelho’, qual seja, a guerra declarada contra a moral cristã, base desde a qual resulta a *virtude que torna pequeno*, raiz das instituições civilizatórias modernas. Dessa perspectiva, o tornar pequeno corresponde ao tornar dócil, brando, manso, resignado, e, na avaliação nietzschiana, medíocre, como aquele que vive represando as potências vitais próprias daquilo que vive, nele atuando uma negatividade do vigor vital, derivando daí a fórmula nietzschiana segundo a qual comedimento é igual a mediocridade.

Conforme pensamos, uma importante chave interpretativa desse processo que transmuta o animal humano em animal morigerado, e que nos oferta um nítido vínculo entre domesticação e moral, é a discussão nietzschiana acerca da ambivalente ideia de melhoramento. Em *Crepúsculo dos Ídolos*, no capítulo “Os ‘melhoradores’ da humanidade”, afirma Nietzsche:

sempre se quis ‘melhorar’ os homens: sobretudo a isso chamava-se moral. Mas sob a mesma palavra se escondem as tendências mais diversas. Tanto o *amansamento* da besta-homem como o cultivo de uma determinada espécie de homem foram chamados de ‘melhora’: somente esses termos zoológicos

⁷ SLOTERDIJK, Peter. *Ibidem*. p. 41.

exprimem realidades – realidades, é certo, das quais o típico ‘melhorador’, o sacerdote, nada sabe – nada *quer* saber... chamar a domesticação de um animal sua ‘melhora’ é, a nossos ouvidos, quase uma piada⁸.

Nietzsche indica que a moral como ‘melhora’ (*Besserung*) do animal humano foi instituída mediante práticas zoológicas de amansamento e cultivo propriamente domesticadoras, colocando em xeque quaisquer determinações da moralidade que estejam fora dessa esfera de realização. À pergunta quem é o ‘melhorador’ da humanidade? Nietzsche responde diretamente: o sacerdote, aquele que dirige o processo domesticador. Confessando ser a “psicologia dos melhoradores da humanidade”⁹ o problema mais inquietante que havia perseguido, o filósofo explicita que as narrativas sobre a moral como ‘melhora’ velaram ou não tematizaram as circunstâncias nas quais processos domesticadores, os quais por sua vez geraram a moral, teriam sua origem e foram precedidos por dinâmicas brutais de violenta dominação e crueldade: “*todos os meios pelos quais, até hoje, quis-se tornar moral a humanidade foram fundamentalmente imorais*”¹⁰. Em *Genealogia da Moral* acham-se fragmentos emblemáticos acerca dessa suposição nietzschiana de uma extensa e horrenda pré-história da humanidade ao longo da qual é operada a transição para períodos da cultura cujo escopo é o amestramento de humanos: “*o sentido de toda cultura é amestrar o animal de rapina ‘homem’, reduzi-lo a um animal manso e civilizado, doméstico*”¹¹.

Com efeito, voltando à parte de *Zarathustra* ora examinada, articulando-a ao trecho de *Crepúsculo dos Ídolos*, vê-se uma clara sinalização de que o trabalho de produção de humanos medíocres direcionado pelos sacerdotes, os “mestres da resignação”¹², domesticadores por excelência, apresenta-se como trabalho do qual eles igualmente compartilham, uma vez que também se mostram como dotados da virtude apequenadora. Na impressão de Zarathustra, “esta hipocrisia me pareceu a pior entre eles: que também os que mandam simulam as virtudes dos que servem. ‘Eu sirvo, tu serves, nós servimos’ – assim também reza, aqui, a hipocrisia dos dominantes”¹³. Aqueles que cultivam os humanos para a pequenez devem parecer tão pequenos quanto os primeiros, um estratagema de dominação cujo fim é garantir a efetivação do projeto de melhoramento-amansamento que engendra por sua vez o civilizado homem moderno.

⁸ GD/CI, *Os "melhoradores" da humanidade* § 2. (Trad. Paulo César de Sousa) p. 49-50.

⁹ Ibidem. §5. p. 52.

¹⁰ Ibidem. §5. p. 53.

¹¹ GM/GM I. § 11. (Trad. Paulo César de Sousa) p. 33.

¹² Za/ZA III, *Da virtude que apequena* (Trad. Paulo César de Sousa). p. 163.

¹³ Ibidem, p. 161.

Contudo, trazendo à tona a asserção de Sloterdijk conforme a qual Nietzsche consideraria padres e professores os detentores do monopólio da criação no cerne da cultura humanista, até que ponto a dissimulação dos sacerdotes, acusada por Zaratustra, ocorreria com os professores? Também devem parecer pequenos? Num parágrafo de *Opiniões e Sentenças Diversas*, intitulado “Educação distorção”, ao problematizar o sistema de ensino de sua época e nele a volatilidade dos métodos e objetivos pedagógicos que não abarcariam a coexistência entre potências culturais velhas e novas, debilitando a docência segundo o seu julgamento, Nietzsche faz a seguinte indagação sobre os professores: “eles mesmos não são educados: como poderiam educar?”, concluindo que “eles mesmos não são troncos que cresceram retos, vigorosos e plenos de seiva: quem a eles se ligar terá de se torcer e se curvar, e afinal se tornar contorcido e deformado”¹⁴. O que subjaz a essa afirmação nietzschiana ultrapassa a ideia do professor como figura de proa que se saberia dirigente no processo de domesticação e dissimularia a mesma virtude do sacerdote: nela é possível interpretá-lo na condição de partícipe do rebanho domesticado, que, tal como alguém possuidor de uma doença contagiosa, contagia seus discentes, mantendo acesa a dúvida acerca de sua possível velada autocompreensão como criador de seres humanos dóceis.

Nesse tocante, as vinculações entre domesticar e educar, verificáveis nalguns excertos das obras nietzschianas (entre póstumas e publicadas), parecem fazer emergir um sentido único a respeito da função da educação em seu tempo: a finalidade da educação mediante o aparelho escolar moderno é a massificação, a institucionalização da mediocridade, donde se segue uma relação intrínseca entre domesticar e tornar medíocre (apequenar). Em *Crepúsculo dos Ídolos*, ao criticar o sistema de ensino superior alemão, pois este haveria substituído o fim de toda educação, a formação (*Bildung*), pelo *Reich*, afirma o filósofo: “o que as escolas superiores da Alemanha realmente alcançam é um brutal adestramento, a fim de, com a menor perda possível de tempo, tornar útil, *utilizável* para o Estado um grande número de homens jovens”¹⁵. Antes, em *O Andarilho e a sua Sombra*, concebe a educação numa visão mais geral como “uma nivelção por princípio, para adequar o novo ser, seja qual for, aos hábitos e costumes vigentes”¹⁶.

Nota-se, em termos de uma diagnose nietzschiana da cultura moderna, que a educação consistiria num método de adestramento, e sua finalidade seria o nivelamento e a

¹⁴ VM/OS, § 181 (Trad. Paulo César de Sousa) p. 87.

¹⁵ GD/CI, *O que falta aos alemães* §5 (Trad. Paulo César de Sousa) p. 59.

¹⁶ WS/AS, § 267 (Trad. Paulo Cesar de Sousa) p. 279.

funcionalidade de grandes levas de seres humanos para a instituição estatal. Ora, não seriam estes exatamente o procedimento e os objetivos engendradores da virtude apequenadora gloriosamente exibida pelos humanos das casas nancas e repudiadas por Zaratustra? Ao mesmo tempo em que profere um diagnóstico depauperante da educação moderna, pactuada com uma terraplanagem do espírito por meio do adestramento, Nietzsche salta para aquilo que, de acordo com suas considerações, consistira no *dever-ser* de toda educação: viabilizar a expressão das singularidades. Significa dizer que seu questionamento é acompanhado de uma medida crítica, qual seja, o ente humano singular. É nessa direção que em sua clínica da modernidade interpreta a educação como “um sistema de meios para arruinar as exceções em benefício da regra”, e a formação, “um sistema de meios para equiparar o gosto da exceção em benefício da média”¹⁷.

Na própria crítica nietzschiana ao humanismo, vem à luz o trabalho de transformação da condição humana animal em ser domesticado, que obtém força em práticas herdadas de uma visão antropológica e educativa humanista, que tem como meta a civilização como sinônimo de vida gregária. Vemos, a título de ilustração, essa apreciação no pensamento de Kant, que julgava o desembrutecimento a principal tarefa da educação. Sua concepção de disciplina espelha claramente essa finalidade: “disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria”¹⁸.

Pois bem, numa visão inicial e ainda tateante, depreendemos que a menção sloterdijkiana a Nietzsche como o primeiro a enunciar a tese de acordo com a qual *seres humanos criam seres humanos*, em termos de uma zoopolítica amestradora, e a considerar que o projeto filosófico-educativo humanista ilustraria exatamente isso, afigura-se inteiramente plausível. Em nossa interpretação, o mote da domesticação humana acha-se apinhado ao trecho de *Zaratustra* aqui analisado, também em razão do uso do termo *casa* como tropo coberto por uma intencionalidade semântica que Nietzsche buscaria enfatizar: em latim¹⁹, casa é designada pela expressão *domus*, donde derivam o adjetivo *doméstico* (relativo ao lar), os verbos *domesticar* e *domar* (tornar caseiro), e os substantivos *domicílio* (residência) e *dominador* (o senhor da casa). Sendo assim, conjecturamos que a metáfora da *casa* não seria uma simples coincidência no referido excerto, já que lidamos com um filólogo de formação,

¹⁷ KSA 13.484, Nachlass/FP 16[6].

¹⁸ KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999. p. 25.

¹⁹ MAGALHÃES, F. Dicionário português-latim. São Paulo: Editora LEP S.A., 1960. p. 82.

algo para o qual, conforme acreditamos, Sloterdijk parece estar atento na medida em que analisa a relação visceral entre a casa do ser enquanto linguagem e as casas enquanto habitações.

Ademais, a metáfora da *casa* pode prefigurar a hipótese filosófica de que a *domesticidade*, o modo de ser doméstico, é a premissa básica da hominização e da criação de animais humanos, num possível desdobramento sloterdijkiano da posição de Nietzsche. Nesse sentido, as senhas lançadas pelo filósofo de Röcken nos permitiram supor que o processo de domesticação que engendrou humanos inócuos não passaria de uma forma de antropotécnica, e, por conseguinte, aquilo que o humano veio a ser é rebento de dinâmicas antropotécnicas, que, enquanto tais, revelam a existência de distintos projetos de criação que foram capazes de se superpor a outros na direção da tecedura antrópica, corroborando a indicação de Sloterdijk sobre um horizonte de possíveis projetos antropotécnicos aberto à humanidade futura, ante o malogro da tecelagem humanista. Acerca disso, é necessário frisar a paradoxal consideração nietzschiana do caráter necessário da pequenez do tipo de homem moderno para o povir do humano, a qual acaba por reiterar a deixa sloterdijkiana da tarefa que Nietzsche reserva para os próximos séculos, quando, dirigindo-se àqueles que se tornaram pequenos, prediz: “também o que deixais de fazer é parte do tecido do futuro dos homens”²⁰.

Concluindo provisoriamente, parece-nos possível então entrever em Nietzsche as seguintes conjecturas: o programa cultural moderno e o seu cabedal educativo produziram/produzem seres domesticados na razão inversa de seu discurso emancipatório. Desse modo, tal projeto desde o início trairia a si mesmo ao impulsionar uma educação com fins a uma inocuidade, que tem no ‘bom’ e civilizado homem moderno seu escopo, realizando-se pelo obscurecimento de seu *telos* programático de ‘criação de um tipo de ser humano’ favorável a determinadas conformações de poder, como o Estado e o mercado. Igualmente, o desenvolvimento dessa ‘pequena virtude’, em razão da tácita redução da vida humana ao cumprimento de certas funções dentro das sociedades modernas centradas na e reguladas pela técnica, trouxe consequências contraditoriamente atroz e, concomitantemente, ensejou a abertura a uma autocompreensão da condição humana radicalmente diferentes, que repõe o problema do futuro humano e de sua construção no pensamento contemporâneo.

²⁰ Za/ZA III, *Da virtude que apequena* (Trad. Paulo César de Sousa), p. 161.

Referências

- KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. “O andarilho e sua sombra”. In: “Humano, demasiado humano II”. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. “Opiniões e sentenças diversas”. In: “Humano, demasiado humano II”. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1999.
- MAGALHÃES, F. *Dicionário português-latim*. São Paulo: Editora LEP S.A., 1960.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

José Antônio Feitosa Apolinário
UFRPE/UAST
tonyapolinario@gmail.com
Serra Talhada – PE